

40º Aniversário do 25 de Abril

Como Presidente da Assembleia Municipal de Alcochete cumpre-me saudar e agradecer a todos os que se dignaram aceitar o nosso convite para estarem presentes nesta Sessão Solene comemorativa do 40º aniversário da revolução do 25 de abril, conhecida aqui e em todo o mundo como a revolução dos cravos.

Cumpe-me igualmente fazer o enquadramento desta efeméride antes de dar a palavra aos representantes das quatro forças políticas com assento no órgão legislativo municipal e também ao Exmo. Presidente da Câmara, na sua qualidade de edil mor do município de Alcochete.

Após o período dos discursos haverá, como já se tornou tradicional, um breve momento artístico que, estou seguro, agradará a todos os cidadãos que se encontram neste Salão Nobre.

Em resultado das funções autárquicas que tenho vindo a exercer já discursi, em muitas sessões solenes, por ocasião do aniversário do 25 de abril. Para cima de 30 vezes (31, mais precisamente). Não pareceria pois, muito complicado, fazê-lo mais uma vez, repetindo exaustivamente a mensagem laudatória dos valores da revolução e reafirmando vontades e esperanças de bem-estar e progresso. Todavia, a tarefa não se revela fácil. O duro retrocesso económico, social e cívico que nos assola obriga a uma profundíssima reflexão. Confesso mesmo que, com toda a probabilidade, serei incapaz de vos transmitir, no contexto deste breve discurso, uma caracterização devidamente ajustada a esta penosa situação que hoje nos é dado viver. Mas é isso que

tentarei fazer, deixando os vivos aos capitães, à liberdade e à democracia para os oradores que se seguirão.

Como sabemos, os governantes deste país espedado à beira-mar, bem na ponta da Europa, optaram por um sistema, a que chamam democrático, que privilegia os aspetos financeiros e capitalistas em desfavor da justiça social e do trabalho – elementos fundamentais da criação da riqueza de uma nação. Esta opção, corporizada na integração na chamada União Europeia, obrigou o País a obedecer a regras que a outros convêm mas que, como temos visto (alguns só agora o veem e sentem), apenas nos trazem agruras e desgostos.

Creio que estamos de acordo em que Portugal perdeu parte substancial da sua soberania em completo arrepio do que, há 40 anos, levou ao derrube do fascismo. É, ou não, verdade que a revolução de abril preconizava uma vida melhor para todos os Portugueses? É, ou não, verdade que o 25 de Abril colocou nas mãos do Estado os setores básicos da economia para que a utilidade dos serviços e a riqueza gerada beneficiasse toda a comunidade? É, ou não, verdade que os jornais, as rádios e as televisões passaram a ser órgãos de comunicação social? É, ou não, verdade que os ideais de abril fomentaram entusiasmos, participação cívica, cidadania consciente e mais amor pátrio?

Ora isto foi no início. O caminho ficou aberto para que o povo português trilhasse a senda do desenvolvimento e que a democracia, por que tantos lutaram e morreram, atingisse a sua plenitude política, económica, social e cultural.

O que se passou depois, é conhecido. O poder foi alcançado por oportunistas que têm defendido, em primeiro lugar, os seus ilegítimos interesses pessoais. Instigou-se a clubite irracional que

coloca o essencial a reboque do secundário. A informação deixou de ser social, é bem de ver. Somos torpedeados diariamente com questões de *lana caprina*, habilmente preparadas para distrair, para iludir, para roubar espaço mental, para funcionarem como verdades puras após a repetição descarada da mentira, centenas de vezes. A lavagem ao cérebro que, de forma cirúrgica, está a ser feita aos portugueses atinge níveis tão elevados como nos tempos do fascismo de má memória. Veja-se a catadupa de comentadores políticos, provenientes das famílias partidárias repimpadas no poder. Fingem-se neutros e imparciais, aqui ou ali dão uma no cravo e outra na ferradura, mas apenas para levar a água ao seu moinho e manietar os cérebros de quem os escuta. Pode haver maior desfaçatez? Essa gente mantém um tempo de antena incessante e massacrante, pago por toda a população, cujo intuito é tão-somente o de formar rebanhos de carneiros amorfos e quiçá acéfalos, dispostos a aceitar como bons, todos os abusos e dislates do poder.

Levam o cidadão comum a acreditar que esta crise é natural e que ninguém dela tem culpa. Que os sacrifícios são agora necessários para depois vivermos melhor. Que, ao aproximarem-se as eleições, já se nota retoma e crescimento económico. E pasme-se, que o povo português viveu acima das suas possibilidades e agora terá de pagar. A quem? Aos mercados, aos alemães, às agências de notação financeira, a credores sem rosto? E neste jogo da cabra-cega, usando e abusando de um léxico pretensamente técnico, escondem que foi a especulação financeira baseada na mais ignóbil desonestidade que, ao criar dinheiro sem produção, nos Estados Unidos da América, na Europa e também aqui neste país retangular, que esteve a origem de mais este cíclico afundamento capitalista.

Estimados concidadãos, ao contrário do que se apregoa, Portugal não é um País pobre. Portugal possui bastantes recursos inexplorados e um enorme potencial de criatividade que lamentavelmente tem estado em letargia. Há alternativas para sair desta situação e retomar Abril. Para isso, há que lembrar que a soberania reside no povo e que os governantes, episodicamente no poder pelos votos dos cidadãos, podem, em qualquer altura, ser removidos. A indignação, a contestação e a revolta serão sempre legítimas face à incompetência, à irresponsabilidade, à injustiça e, porque não dizer, à crueldade sádica de quem nos retira direitos, esbulha salários e reformas, atraiçoa anseios e semeia pessimismos e derrotismos para continuar os desmandos.

Urge ação para alterar o que à vista desarmada se nota que está mal. Flagrantemente mal!

O Estado deveria dar bom exemplo. O Estado teria que se comportar como pessoa de bem. A justiça deveria funcionar e ser célere. A riqueza do País tem de ser medida pelo bem-estar proporcionado aos seus cidadãos e não pelo enchimento dos bolsos dos que imoralmente se pavoneiam por serem cada vez mais ricos. Os governantes não poderiam impunemente ser mentirosos. Os meios de comunicação teriam de ser verdadeiros órgãos de comunicação social com funções informativas e formativas.

Os Portugueses têm de mandar no seu País e presidir ao seu destino. A isenção, a honestidade, a dedicação, a competência e o trabalho deverão ser a pedra de toque para a escolha certa dos dirigentes, ao invés do compadrio, da corrupção e da subjugação ao negociismo próprio ou de outrem.

Que este aniversário redondo que hoje se comemora seja, para além do passeio por gratificantes recordações, um ponto de partida para enveredar por outros rumos e glorificar a ditosa Pátria que nos viu nascer.

Viva Portugal!

Alcochete, 25 de abril de 2014.

Miguel Boieiro